

## UM PROBLEMA CONTROVERSO NAS RELAÇÕES ANGLO-PORTUGUESAS NO SÉCULO XVI

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES

*If all the world were but a ring  
Ormus the diamond should bring.*

Sir Thomas Herbert

A Inglaterra é o nosso mais antigo aliado na Europa. São múltiplas as referências aos aspectos comerciais, políticos e culturais dessa aliança e às vantagens das relações anglo-portuguesas. Embora seja menos frequentemente referido, houve também períodos em que a nossa aliada pareceu ter esquecido os acordos firmados. Isto deveu-se sobretudo à circunstância de o Império Britânico ter sido construído praticamente à custa do português, facto que provocou a rivalidade anglo-portuguesa pela posse das terras conquistadas.

Boies Penrose, na sua obra *Sea Fights in the East Indies in the Years 1602-1639*, afirma que a actividade portuguesa no Oriente foi inspirada pelo desejo de conquista, de comércio e conversão, enquanto que os Holandeses eram movidos

---

(<sup>1</sup>) Sobre este assunto v. Maria Laura Bettencourt Pires, *Portugal Visto pelos Ingleses*, Lisboa, 1981.

pelo desejo de conquista e comércio e os Ingleses apenas pelo desejo de comércio. Com efeito, o facto de Portugal ter conseguido manter o seu Império durante um século contra os muçulmanos é motivo suficiente para ter merecido a admiração do mundo inteiro, mesmo que posteriormente viesse a perder às mãos dos seus competidores europeus muitas das terras que tinha conquistado.

A glória dos feitos dos Portugueses como impulsionadores dos descobrimentos foi cantada em obras de grande valor literário, como *Os Lusíadas* e *A Peregrinação*. Foi igualmente referida em simples relatos de viagem que eram narrativas bastante pobres, tanto quanto ao estilo como quanto às técnicas literárias, que, contudo, chegam por vezes a constituir as únicas fontes de que se dispõe sobre certos acontecimentos históricos.

Também neste campo da literatura de viagens tão do agrado dos dois países de marinheiros e viandantes que são Portugal e a Inglaterra, se estabeleceram relações e dívidas mútuas. Os Portugueses contribuíram não só com criações literárias de grande mérito a nível mundial como com relatos de viagens que pela sua precisão descritiva e científica tiveram influência no desenvolvimento deste tipo de literatura. Segundo Magalhães Godinho, a experiência que os Portugueses transmitiram ao resto do mundo sob a forma de material impresso foi tão valiosa como o ouro. As próprias narrativas orais dos pilotos portugueses no estrangeiro e de judeus exilados de Portugal tiveram decerto também influência neste campo.

Em relação à importância de Portugal na literatura de viagens inglesa, basta verificar como é curto o espaço de tempo que medeia entre a publicação dos originais portugueses e as suas traduções para inglês — por vezes apenas dois ou três anos, como é o caso das obras de António Galvão ou de Fernando Soto e Jerónimo Lobo. Houve até manuscritos portugueses, que foram impressos em inglês antes de o serem em português, como a *Descrição do Brasil* do P.<sup>o</sup> Fernão Cardim, que foi publicado pela primeira vez pelo célebre



editor Richard Hakluyt <sup>(2)</sup>. É de notar que, ainda nos nossos dias, a situação se manteve, pois tanto a *Suma Oriental* de Tomé Pires, de 1512, como o *Livro de Duarte Barbosa* de 1516, foram publicados pela Hakluyt Society em tradução inglesa, respectivamente em 1944 e 1918, tendo até então circulado em português sob a forma de manuscritos.

Quando se atenta na selecção das obras traduzidas, que inclui até diários de bordo e roteiros, como o de D. João de Castro (vertido para inglês em 1625) é óbvio que o objectivo das traduções era sobretudo pragmático tendo em vista estimular os Ingleses a empreenderem viagens de descoberta.

Esta contribuição portuguesa para desenvolver entre os Ingleses um gosto aparentemente inato pelos relatos de viagem reveste-se ainda de maior importância quando se verifica como este tipo de literatura veio a aliciar grandes nomes da história literária inglesa, como Defoe, Fielding, Beckford, Byron e Southey. É igualmente curioso constatar que, sobretudo a partir do século XVIII, Portugal e os temas portugueses passaram a atrair os escritores e viajantes ingleses.

Pareceu oportuno fazer estas breves reflexões introdutórias sobre as relações luso-britânicas e a literatura de viagens tanta vez relacionadas com acontecimentos históricos de monta, antes de referir justamente um dos casos que, embora controverso e pouco conhecido actualmente, teve importância tanto para a Inglaterra como para Portugal e suscitou abundante literatura. Refiro-me à intervenção dos irmãos Sherley na tomada de Ormús. Este acontecimento tem relação directa com a rivalidade anglo-portuguesa no Oriente e revela como nas narrativas de viagens se encontram expressos sob forma literária muitos dos interesses de uma época.

Para dar uma ideia da importância de Ormús e do significado da sua perda há que referir, se bem que brevemente, os aspectos económicos e históricos mais relevantes relacionados com este caso.

---

(2) *The Principal Navigations, Traffics and Discoveries of the English Nation*, London, 1589.

Ormús está situada no Golfo Pérsico, numa ilha bastante pobre, que Gaspar Correia, em *Lendas da Índia*, descreve como «escaldante e seca». Tinha, no entanto, uma posição chave no século XVI, pois ficava na grande via de comunicação do Oriente com o Levante mediterrânico. No final do século, deram-se grandes modificações no mundo que contribuíram, de certo modo, para o declínio do nosso poderio no Oriente. Com efeito, houve a expansão do Império Turco, que anexando a Síria e o Egípto, veio a ficar empenhado nas questões do Oceano Índico a fim de obter um aumento de poder. Por outro lado, as transformações económicas que ocorreram em Inglaterra nesta época, como os primórdios da industrialização, as mudanças de mercados, a criação de grandes companhias comerciais por acções e as consequentes modificações sociais, tiveram como resultado tornar a conquista de Ormús indispensável para o domínio das vias marítimas do Oceano Índico. Sucedeu ainda que o Xá Abas I da Pérsia começou a ficar interessado em exportar directamente seda para a Europa. Tanto mais que essa seda constituía um monopólio real, cujos lucros de comercialização revertiam para a sua fortuna pessoal, além de que, ao fazê-lo, evitava pagar direitos alfandegários ao Imperador turco, facto que muito lhe desagradava.

Até aquela altura, e há quase um século, o controle da via do Golfo Pérsico, que era aliás uma das principais do mundo, tinha sido monopólio português. Porém, todas as circunstâncias que modificaram a panorâmica mundial, além do interesse do Xá da Pérsia em deixar de enviar a seda pela rota que até então tinha seguido, isto é, pelos territórios da Turquia, como já foi dito, fizeram com que perdessemos esse monopólio, iniciando-se assim a decadência do Império Português. Ora, foi justamente no suscitar deste interesse pelo desvio da rota da seda, que intervieram os famosos aventureiros Anthony e Robert Sherley.

Entre as narrativas que este assunto motivou, tanto em Portugal como em Inglaterra e até em Espanha, encontram-se diversas obras com amplas referências aos Sherley e relatos da sua intervenção. São de vários géneros, desde as *Décadas*



de Bocarro a folhetos de cordel, incluindo até mais de uma peça de teatro.

Excede as dimensões deste artigo fazer uma análise pormenorizada de cada uma dessas obras — embora uma comparação dos diferentes relatos da mesma viagem feitos pelos Ingleses e pelos Portugueses tivesse o interesse de revelar uma mundividência e uma maneira bem diferente de encarar os outros. Só a título de exemplo, e por ser curioso, refiro o relato escrito em Paris, pelo cozinheiro francês de Anthony Sherley, Abel Pinçon. Para Pinçon, a viagem ao Oriente resume-se praticamente a uma ida às compras num país com hábitos alimentares diferentes dos dos Franceses.

Como são múltiplos os intervenientes na acção, e quase todos escreveram relatos da viagem, que, de certo modo, se completam, parece útil apresentar de forma necessariamente sucinta — até porque cada um deles teve, a seu modo, uma vida muito aventureira — pelo menos as biografias dos irmãos Sherley: Anthony e Robert.

*Sir* Anthony Sherley (1565-1635) estudou em Oxford, viveu na corte de Elizabeth I, mas esteve ao serviço de vários reis (Henri IV de França, o famoso Xá Abas I da Pérsia, Rudolfo II do Império Austro-Húngaro e por fim Filipe II de Espanha). Foi enviado em missões secretas por Mary Stuart, participou nas lutas entre protestantes e católicos em França, razão pela qual foi nobilitado pelo rei Henri IV e mandado prender em Inglaterra pela rainha Elizabeth I. Depois de ter ido em 1595, com o Conde de Essex, numa expedição a S. Tomé e Cabo Verde e de ter participado com vinte e cinco voluntários ingleses em lutas em Itália, empreende, a conselho de Essex, uma longa viagem ao Oriente. Na Pérsia, impressionou de tal maneira o cruel Xá Abas que este lhe deu o título de Mirza António e, em 1599, envia-o como seu embaixador à Europa para convidar os príncipes cristãos a aliarem-se com ele contra os Turcos. Durante essa viagem visitou, em Moscovo, o czar Boris Godunov, que o mandou prender, assim como a um frade português, Fr. Nicolau de Melo, que o acompanhava. Uma vez livre, seguiu para Praga e para Roma, onde foi recebido pelo Papa Cle-

mente VIII. Dirigiu-se então para Veneza, onde foi de novo preso. Em 1605, é enviado a Marrocos em missão organizada e paga por Rudolf II, com o fim aparente de fazer encomendas de cavalos árabes para os criadores austríacos mas com o fim real de convencer o Sultão de Marrocos a lutar contra os Turcos. Em Safi, pagou o resgate de dois cativos portugueses, António de Saldanha e Pedro de Sá, sobreviventes da batalha de Alcácer-Quibir e prisioneiros dos Árabes. Seguidamente veio a Lisboa para receber o dinheiro do resgate. Em 1611, já no declínio, resolve viver em Madrid e conspira contra o irmão mais novo, Robert. Dois anos mais tarde, publica, em Inglaterra, o relato da sua viagem à Pérsia, intitulado *Sir Anthony Sherley — His Relation of his Travels in Pérsia; the Dangers and Distresses which Befell him*. Vive na pobreza e conspira contra Inglaterra e, em 1622, escreve uma obra em espanhol sobre política europeia. Fica em Madrid vivendo na miséria até à morte, em 1635.

Difícilmente se deve encontrar uma vida mais aventureira e romântica. Desde que saiu de Inglaterra, em 1599, viajou continuamente. Foi à Holanda, a França, a África, à América do Sul, a Itália e à Pérsia donde regressou à Europa, passando pela Rússia, Hungria, Itália e Marrocos, antes de vir a falecer em Espanha. Múltiplos investigadores têm procurado explicações para alguns pontos obscuros da biografia de *Sir Anthony*. Há quem pense que o problema central era o facto de ele provavelmente ser católico. Porém, essa hipótese não justifica que não tenha podido voltar a Inglaterra quando os católicos já não eram perseguidos, nem se coaduna com atitudes que tomou para com um frade católico, a quem serão feitas seguidamente referências.

Outra curiosa tentativa de explicação é dada por F. Scott Surtees que, em 1888, escreveu um livro sobre Shakespeare, intitulado, *William Shakespeare of Stratford-on-Avon: His Epitaph Unearthed and the Author of the Plays Run to Ground*. Surtees atribui a autoria das peças de Shakespeare a Anthony Sherley. Segundo este autor, foi por essa razão que Sherley caiu em desgraça junto da rainha e por esse motivo também que não pôde mais regressar à pátria.



Shakespeare seria apenas um actor que emprestou o seu nome a Sherley para o encobrir. Scott Surtees dá várias pistas como, por exemplo: a amizade de Anthony Sherley por Essex, o amigo comprovado de Shakespeare, a figura de um *Signor* António que intervém em várias peças e o conhecimento que o dramaturgo demonstra ter sobre Veneza, o Oriente e a guerra.

Ao ler as afirmações de Surtees, ocorreu-me a célebre frase de Macbeth (Acto I, cena III):

«Her husband's to Aleppo gone, master of the Tiger»

que poderia ter sido inspirada pela viagem de *Sir* Anthony a Alepo. Também verifiquei que em *Othelo* (Acto I, cena III) há referências a «cannibals» e «anthropophagi» e que, curiosamente, o Xá da Pérsia tinha entre as suas tropas, um corpo especial constituído por antropófagos, que o ajudavam a «dispôr» dos seus inimigos!...

Embora a teoria de Surtees fosse, como é sabido, posteriormente rebatida, pareceu-me ter interesse indicá-la a fim de demonstrar como a popularidade da figura de Anthony Sherley se manteve até ao século XIX.

Enquanto *Sir* Anthony vivia as suas aventuras na Europa, Robert Sherley, (1581-1628) seu irmão mais novo, tinha ficado na Pérsia como refém de Abas I, que queria assegurar-se que o seu embaixador cumpria bem a missão diplomática de que o incumbira. Ora, perante a biografia de Robert, verifica-se que também as linhas da vida deste «astuto ingrês», como se lhe referem as obras portuguesas de então<sup>(3)</sup>, se entrecruzaram com as que fizeram surgir a rivalidade luso-britânica no Oriente.

Com efeito, foi Robert Sherley quem insistiu com o Xá para que ele deixasse de enviar a seda pela Turquia e a fizesse chegar à Europa utilizando outras vias, fazendo assim o Xá tomar consciência do trunfo económico de que dispunha.

---

(3) António Bocarro, *Década 13*.

Abas I resolveu então enviar também Robert à Europa como seu embaixador aos príncipes cristãos, para que se aliassem a ele contra o Grão-Mogul. Queria, além disso, que o inglês contactasse com Filipe II de Espanha, que então dominava Portugal e por consequência Ormús, que o Xá pretendia utilizar por ser o ponto de passagem obrigatório no caso do desvio da rota da seda. Aliás, a consciência da importância de Ormús não data apenas desta época, pois já os Árabes afirmavam que, se o mundo fosse um anel, Ormús seria a sua pedra preciosa. É de notar a este propósito que Ormús era também conhecida pela excelente qualidade das suas pérolas, mencionada em várias obras da época, como *Itinerarium* de Van Linschotten e *Suma Oriental* de Tomé Pires.

Vejamos, portanto, como foi a vida daquele que era considerado «o maior viajante da sua época» <sup>(4)</sup> de quem se dizia «nenhum homem comeu mais sal do que ele...» <sup>(5)</sup> e cuja biografia não é menos acidentada do que a do irmão.

Robert Sherley acompanhou *Sir Anthony* nas suas viagens à Itália e à Pérsia, onde o irmão mais velho foi forçado pelo Xá a deixá-lo como garante de que iria regressar após ter cumprido a sua missão. Porém, ao contrário do que seria de esperar, *Sir Anthony* permaneceu na Europa indiferente aos apelos dramáticos de Robert, que lhe escrevia longas cartas. Robert Sherley, entretanto, ao longo dos anos, veio a tornar-se indispensável a Abas I, tendo organizado o exército persa e desenvolvido a artilharia. Em 1607, teve até a honra de ficar ligado ao Xá por laços de família, por ter vindo a casar com *Lady Teresa*, que era parente da mulher de Abas. Nesse mesmo ano, foi enviado como embaixador aos reis e príncipes da Europa, a fim de fomentar uma cruzada contra os Turcos e também de estabelecer relações comerciais.

Se subsistissem dúvidas quanto à personalidade cativante de Robert, bastaria ver a forma como foi recebido por Sigismundo III na Polónia ou em Praga por Rudolf II que lhe

---

<sup>(4)</sup> *Sir Thomas Herbert, A Relation of Some Yeares Travaile*, London, 1634, p. 203.

<sup>(5)</sup> *Ibidem*.



concedeu o título de Conde do Palatinado, tal como em Florença, onde o Grão Duque lhe ofereceu uma corrente de ouro que valia oitocentas coroas. Mesmo em Roma, em 1609, tendo-se apresentado vestido à oriental e usando um turbante adornado com um crucifixo de ouro, foi recebido pelo Papa Paulo V, que o nomeou Camarlengo e Conde do Sagrado Palácio de Latrão. Após ter viajado por Espanha, onde recebeu a visita do irmão, seguiu para Inglaterra e foi recebido pelo rei James I, em Hampton Court.

Regressou então à Pérsia, tendo sido durante a viagem de regresso, em 1612, vítima de uma conspiração dos Portugueses, que reagiam contra a ocupação persa de Bahrein e Comorão e contra o pedido do Xá de auxílio à corte inglesa. Alguns anos mais tarde, veio de novo à Europa mas quando voltou para a corte de Abas I estava desacreditado e veio a morrer, em 1628, sem ter podido reabilitar-se.

Feita, embora sucintamente, a biografia de Robert Sherley, facilmente se conclui da importância da sua intervenção no caso da perda de Ormús por Portugal. Com efeito, a fortaleza de Ormús foi atacada por forças conjuntas persas e inglesas, em 1622, devido ao facto de Sherley ter ido a Inglaterra fazer as mesmas propostas que já tinha feito a Filipe II em Madrid. Fê-lo talvez por um assomo de patriotismo ou por ver que na corte espanhola não lhe davam, como ele pretendia, uma armada com especiarias, produtos da Índia e dinheiro. Não há dúvida, portanto, que foi graças às diligências de Robert Sherley que os Ingleses se tornaram rivais dos Portugueses na luta pelas posses das terras que estes anteriormente tinham conquistado.

Ao analisar a vida e as viagens dos dois irmãos Sherley e a sua influência nas questões portuguesas e nas relações luso-britânicas, temos de nos referir a problemas económicos — como a modificação dos circuitos comerciais — a problemas religiosos — como as guerras entre Católicos e Protestantes em França, em que Anthony interveio, ou a sua atitude preconceituosa contra frades católicos portugueses — e a problemas políticos — como a aliança dos príncipes cristãos contra os Turcos, a revolta dos Países Baixos, em cujas lutas

o irmão mais velho dos Sherley também participou, ou o domínio espanhol em Portugal e a consequente atitude de despreendimento de Filipe II pelos territórios portugueses no Oriente. Todas estas questões provam a importância que o caso da perda de Ormús tem não só por ter decorrido numa época áurea da História, como por estar relacionado com a rivalidade anglo-portuguesa e consequentes expansão ultramarina inglesa e decadência do Império Português.

Para completar a investigação e nos dar uma visão mais plurifacetada, e até devido à importância de algumas das figuras que intervieram, tem interesse verificar como se viam e descreviam mutuamente esses intervenientes e também como obras históricas portuguesas se referem aos Sherley. Estas leituras dão-nos uma visão cultural e uma noção de alteridade e levantam também o problema da veracidade dos relatos, que, para além de ter que ver com a percepção do Outro, e com a admiração ou má vontade do observador, entra já na esfera da representação do real. Ora, estes problemas são os que se põem em relação a toda a literatura de viagens e justamente os que, pela sua ambiguidade, contribuem para a tornar enriquecedora.

Além da obra que o próprio Anthony Sherley escreveu, em 1613, sobre este assunto, cujo longo título é quase um resumo dos acontecimentos e que será mencionado aqui apenas como *His Relation of his Travels into Persia* <sup>(6)</sup>, ele refere-se também a Portugal e aos Portugueses em várias cartas, que se encontram no Public Record Office. Destaco entre elas uma escrita, em 1600, em Moscovo, onde le lê:

«Terminado este prefácio, vou entrar no assunto do que eu fiz. Abri as Índias aos nossos mercadores de forma que, excepto pela demonstração exterior

---

<sup>(6)</sup> Devido à sua grande extensão os títulos não são mencionados no texto na sua totalidade. As indicações completas são dadas na bibliografia.

MS — carta datada 12 de Fevereiro de 1600.



de poder, eles vão ter mais poderio do que os Portugueses, podem passar pela Pérsia com tanta segurança como entre Londres e Saint Albans, pois o ódio que todo o povo indiano tem aos Portugueses é tal que, desde que entre outro mercador, eles preferem perder com ele do que vender aos Portugueses [...] deixei com meu irmão [Robert], um nobre, Powell pronto a intervir à primeira ordem e quando ele lá chegar vai atacar os fortes dos Portugueses que estão em alguns locais dos seus [rei de Tabur] domínios» <sup>(7)</sup>.

A sua má opinião sobre os Portugueses levava-o a criticar não só os mercadores mas também os religiosos. Assim, numa outra carta também de Moscovo faz as piores referências a Frei Nicolau de Melo, um missionário que o acompanhou na viagem até Moscovo e que trazia cartas do Xá para Filipe II.

Frei Nicolau (1545-1613) veio a morrer na fogueira, segundo parece, por intervenção de Sir Anthony junto do czar da Rússia.

A seu propósito Anthony escreve:

«... vieram notícias de um frade português que vinha para aqui, acompanhado de outros dois frades e quatro criados. Este frade ficou a três milhas da cidade e mandou os outros dois com cartas [...] onde dizia que era irmão do rei de Portugal [D. Sebastião] e que tinha sido mandado pelo rei de Espanha como Procurador Geral de todas as Índias Orientais» <sup>(8)</sup>.

---

<sup>(7)</sup> Public Record Office — Rússia I, folha 121. Citada também por Evelin Shirley em *The Sherley Brothers*, London, 1848, p. 23 (tradução minha).

<sup>(8)</sup> Foreign and Domestic Correspondence of State Paper Office — Rússia, folha 101, 12 de Agosto de 1608. (Tradução minha).

Numa outra carta dirigida a Anthony Bacon, pode ler-se:

«... Fui ao encontro dele [Frei Nicolau de Melo], ofereci-lhe a minha casa, que ele logo aceitou e tratei-o com a maior cortesia que podia [...] mas, vendo que eu era inglês de uma nação tão amiga de D. António [Prior do Crato], ele só quis que eu lhe desse passagem na minha companhia...» <sup>(9)</sup>.

Aparentemente, ao longo da viagem, a opinião de Sir Anthony foi-se modificando para pior, porque, de Moscovo, escreve numa carta:

«... trouxe-o [Fr. Nicolau] comigo da Pérsia com espiões ao seu comportamento que era tal com indivíduos do sexo masculino e feminino de todos os géneros que penso que não vive debaixo do céu outro patife igual» <sup>(10)</sup>.

George Manwaring, um dos companheiros de viagem de Anthony Sherley, que também escreveu um relato, intitulado *A True Discourse of Sir Anthony Sherley's Travel into Persia*, tem igualmente má impressão do missionário, pois refere-se-lhe dizendo:

«Veio ter connosco a Asfahan um frade franciscano [...] e disse-lhe [a Sir Anthony] que estava com ele outro frade, um dominicano, que era Bispo de Ormús, um Português [...] mandado pelo Papa como seu representante [...] Assim despedimo-nos do rei [Xá], acompanhados pelo falso padre que, no fim [...] nos havia de atraiçoar com a sua patifaria» <sup>(11)</sup>.

---

<sup>(9)</sup> Citado por E. Denison Ross (ed.), *Sir Anthony Sherley and his Persian Adventure Including some Contemporary Narratives Relating Thereto*, London, 1936, p. 238.

<sup>(10)</sup> Foreign and Domestic Correspondence of State Paper Office — Russia, folha 10. (Tradução Minha).

<sup>(11)</sup> *A True Discourse...*, pp. 224 e 226.



Na intenção de verificar se os viajantes ingleses tinham razão nas suas referências ao religioso, procurei informar-me sobre a sua biografia. Porém, apenas pude apurar poucos elementos. Frei Nicolau de Melo nasceu na Covilhã e era da família Melo e Cabral de Belmonte. Tornou-se frade agostinho em Espanha e foi em missão ao México e às Filipinas. Em 1597, regressou à Europa para ir a Roma buscar mais missionários. Um ano mais tarde, querendo ir para Goa e não tendo barco, resolveu ir por terra e assim, em 1599, estava na Pérsia e daí inicia uma viagem para Moscovo com *Sir Anthony*, levando cartas do Xá para Sua Majestade Católica e para o Papa. Sabe-se que, entre 1600 e 1606, esteve preso na ilha de Soloskot, talvez por sugestão de Sherley e que, em 1607, a pedido dos Carmelitas e por intervenção da Grã-Duquesa Mariana da Polónia, mudava de prisão indo para Nisna. Finalmente, em 1613, foi queimado vivo em Astrakan.

É curioso comparar as descrições de *Sir Anthony* e de Manwaring, que consideram Fr. Nicolau como um ser miserável, cheio de graves defeitos e com um comportamento censurável, com o que sobre ele afirma outro missionário português, Frei António Gouveia, que também estava na Pérsia. Fr. António, que foi Bispo de Cirene e que, tendo sido prisioneiro de Abas I, conseguiu fugir, escreveu várias obras sobre o Xá e o seu país, como *Relação da Pérsia e do Oriente* (1609) e *Relação das Guerras e Victórias do Xá Abas* (1611). Na sua última obra, intitulada *Glorioso Triunfo de Três Mártires Espanhóis* (1623), Frei António Gouveia relata a viagem de «Don António Cirley e de Usen Alibegue» e refere-se ao pobre frade português que, para Fr. António, foi uma vítima das intrigas dos Ingleses. *Sir Anthony* é visto aqui através do olhar de um Português e, aliás, em termos bem pouco lisonjeiros. Com efeito, na referida obra pode ler-se:

«Tinham chegado muito antes àquela Corte dois irmãos ingleses, tão nomeados nos nossos livros, Dom António e Roberto Cirley, dos quais tinha Abas escolhido D. António, que era o mais velho para o enviar, como enviou, numa embaixada universal a

todos os príncipes cristãos, em companhia de um cavaleiro seu, chamado Usen Alibeque e estando de partida para Moscovo, por onde devia começar a embaixada, quis o padre frei Nicolas acompanhá-los na viagem [...] mas o inglês pensava de outra maneira [...] e rebentava de pesar [...] e dissimulando este sentimento, mostrou alegrar-se muito com a companhia do padre frei Nicolas, persuadido que em tão longa viagem não faltaria ocasião de lhe tirar as cartas e a vida...» (P. 8).

No capítulo III da mesma obra, Frei António Gouveia, afirma:

«D. António pretende manter o padre frei Nicolas e, livre de suas mãos, é acusado por ele e preso e deixa-o na Rússia.

[...] o Inglês procurava matá-lo, procurando a ocasião em que o pudesse fazer, sem que os seus companheiros o soubessem» (P. 10).

Não é este o único incidente relacionado com os irmãos Sherley, a propósito do qual os Portugueses exprimiram as suas dúvidas sobre a honestidade e as boas intenções dos dois aventureiros ingleses. Também em relação à actuação de Robert Sherley quanto à tomada de Ormús os Portugueses demonstraram ter plena consciência da responsabilidade que cabia neste caso ao traiçoeiro embaixador do Xá.

De facto, já na *Década 13 da História da Índia*, escrita por António Bocarro em 1612, se lê:

«No princípio deste presente ano chegou uma nau de Mascate, com uma carta de sua Majestade por terra, em que avisava como dom Robert Sarley, ingrez que havia ido por embaixador do Xá a sua Majestada, se passara de Madrid a Inglaterra a negociar navios para passar a estas partes, com desenhos prejudiciais a este Estado e em particular contra



a fortaleza de Ormús; ou que também viria para assentar com o Xá o comércio da seda para a Inglaterra...».

«... e assim houveram que quando [o Xá] pediu licença para mandar embaixador, pois não se lhe podia negar, como é costume das gentes [...] se não devia conceder fosse dom Roberto Sarley, por todas as razões apontadas, e por ser mais espia do que o embaixador...» (p. 201).

D. Luís Marinho de Azevedo, em *Apologéticos Discursos Oferecidos à Majestade d'El-Rei Dom João Nosso Senhor IV do Nome entre os de Portugal*, (pp. 32 e 33), refere-se a Roberto Sherley no mesmo tom de desconfiança.

De igual modo, também o autor desconhecido de *Comentários do Gran Capitão Rui Freire d'Andrade* (1647) relata como Robert e a sua embaixada chegaram a Madrid em 1608. Não desconhece, porém, que Sherley seguiu para Inglaterra a fim de propor a captura de Ormús e o negócio da seda.

Rui Freire de Andrade (1590-1633) foi o grande militar a quem coube defender a praça forte quando esta foi atacada pelas forças conjuntas persas e inglesas. Devido à traição de Simão de Melo que entregou a fortaleza em 1622, Rui Freire de Andrade foi feito prisioneiro a bordo do navio inglês «Lion». Freire de Andrade era um verdadeiro herói, uma das primeiras figuras da marinha de guerra portuguesa e com tal fama no Oriente que lhe chamavam «a sombra de Albuquerque». Uma vez livre, inicia o cerco de Ormús e, em 1623, consegue a recuperação da fortaleza. Dois anos mais tarde, ataca o «Lion», o navio onde estivera prisioneiro, e mata todos os tripulantes ingleses (menos o cozinheiro!) e envia as cabeças, embrulhadas em seda, como represália por os Ingleses não terem respeitado o acordo feito e, após a derrota, terem entregado os Ormusianos aos Persas.

Outro viajante e diplomata também directamente envolvido nesta confusa e aliciante ocorrência foi D. Garcia da Silva y Figueiroa, embaixador espanhol que Filipe II enviou

à Pérsia. Também ele escreveu sobre este caso uma obra, aliás, de grande interesse e reveladora de um ponto de vista completamente diferente dos anteriormente referidos. D. Garcia pinta um quadro variado e revelador dos seus múltiplos interesses. Não deixa de se referir às intrigas dos Ingleses, dizendo a propósito de «ciertos aventureros, los hermanos Sirley»:

«Os Portugueses, quando dificultavam a acção do embaixador espanhol, fomentavam, sem se aperceberem, as intrigas da Inglaterra. Esta servindo-se de certos aventureiros, os irmãos Sirley, procurava introduzir-se na corte do Xá com aparentes fins comerciais, embora na realidade aspirando ao mesmo que os holandeses, i. é., suplantá-los na Índia... [o que demonstra] a imprevisão internacional da política de Filipe II e a habilidade astuciosa de Inglaterra para se insinuar no âmbito dos Portugueses fomentando o seu ódio contra Castela» (p. 500).

Figueiroa censura também a conduta dos missionários na Pérsia e prevê já a decadência ibérica nas empresas ultramarinas, apontando as causas que, segundo ele, seriam:

«... não tornarem habitáveis as ilhas que se encontravam na rota marítima do Cabo à Índia (como os Holandeses), nem sondarem as costas (como os Ingleses)».

Devido à sua vasta cultura, D. Garcia y Figueiroa escreve, sem dúvida, o melhor de todos os relatos que este acontecimento motivou.

Se quisermos, para concluir, comparar os vários intervenientes, neste caso, constatamos que se podem considerar figuras tipo da época. Assim, *Sir Anthony Sherley* e *Rui Freire de Andrade* são ambos soldados, ambos com personalidades complexas, com grandes poderes de chefia e muito conhecidos



nos seus países. Freire de Andrade aparece em alguns documentos ingleses referido como «The Pride of Portugal».

Porém, apesar da sua herocidade, o nome de Freire de Andrade ficou para sempre ligado à perda de Ormús em 1622 e o episódio do «Lion», pelo seu cunho de crueldade, não deixa de lançar uma mancha sobre a sua fama.

No entanto, Freire de Andrade foi também vítima de condições desfavoráveis e adversas — representando assim, na sua complexa mistura de grandeza e crueldade, o Português do século XVI e até talvez o próprio Império.

Do mesmo modo, Anthony Sherley, sobre quem Anna Maria Porter, que escreveu o romance *Don Sebastian or the House of Braganza*, cujos outros protagonistas são D. Sebastião e Thomas Stuckeley, ainda em 1809 perguntava: «To whom is that name unknown?» e D. Gonçalo Cespedes, na sua *Historia de las Españas*, também se refere elogiosamente como «Antonio Chierli, ingles de ingenio y de artificio no vulgar...» (p. 149) poderia ser considerado como símbolo do Império Britânico. De facto, poderia sê-lo tanto nos seus aspectos de generosidade, como de astúcia, amor ao luxo e até de falta de escrúpulos, vindo por fim a morrer de forma bem diferente daquela em que tinha vivido.

Robert Sherley representa um outro tipo completamente diferente. É como que resultante da fusão do Ocidente com o Oriente. É o Ocidental que se deixa totalmente orientalizar tanto na maneira de se vestir como de viver e até por ter um comportamento dúbio que não inspira confiança aos que com ele contactam. Sir Thomas Roe, embaixador inglês na Turquia, em *To the East India Company, by Way of Persia* (1615) refere-se-lhe, dizendo: «as he is dishonest, so is he subtile». Também António Bocarro, o nosso cronista da Índia, na *Década 13*, já anteriormente citada, menciona Robert como um «homem de notável astúcia e invenção, quase que visto conforme à natureza do mesmo Xá....

Também o Xá Abas I da Pérsia representa, de certo modo, não só o mundo desconhecido e faustoso do Oriente mas também a crueldade do governante tirânico, cujos súbditos vivem na incerteza da permanência dos favores com que ele

os protege. Tal como aconteceu com o próprio Robert Sherley quando regressou à Pérsia, facto que pode até ter causado a morte daquele de quem o Xá afirmava antes de ele cair em desgraça. «Este homem tem o pão assegurado durante sessenta anos!»<sup>(12)</sup>.

Dentro desta mesma linha do governante desumano e cruel, temos o czar Boris Godunov, que torturou o pobre Frei Nicolau de Melo. Este é igualmente fruto de uma época especial, visto que alia funções políticas às de missionário. Note-se ainda que, na descrição desta figura feita nos relatos de viagens de *Sir Anthony* e dos seus companheiros, podemos encontrar a marca da intolerância religiosa — o frade católico (e tudo o que ele representa) visto pelos protestantes. Seria de facto, Frei Nicolau «a lewd wretch» como é designado por William Parry, no relato *New and Large Discourse*, que escreveu a propósito da viagem que fez com *Sir Anthony*?

Parry afirma sobre Frei Nicolau:

«Este execrável frade, que na primeira noite que ficou em casa de *Sir Anthony*, conseguiu ter uma cortesã persa com ele, e assim fez todas as noites que ali permaneceu...» (p. 126).

«... com um modo brincalhão ele confessou ainda como levava as mulheres para o seu quarto, depois de as ter confessado, aproveitando-se dos pecados que elas tinham declarado...» (p. 127).

Não serão estas atitudes incompatíveis com toda a dignidade com que o humilde frade suportou a sua horrível morte na fogueira, como nos relata Frei António Gouveia?

Neste caso, como também ainda no de Rui Freire de Andrade, subsistem dúvidas e ficam problemas por resolver. Houve falta de decisão ou erro de tática da parte de Freire de Andrade e por isso se perdeu Ormús ou foi culpa do vice-rei

---

<sup>(12)</sup> Citado em *The Three Brothers: or the Travels and Adventures of Sir Anthony, Sir Robert and Sir Thomas Sherley in Persia, Russia, Spain*, sem autor, 1825, p. 139.



e da Corte de Filipe II, que não lhe enviaram os auxílios pedidos? Tal como afirma Luciano Cordeiro, em 1896, na sua obra *Como se Perdeu Ormús — Processo Inédito do Século XVII*, a epopeia de Rui Freire de Andrade «parece escrita com a bÍlis revolta dos desesperos e das cóleras».

Relacionando com Freire de Andrade e com as suas dificuldades devidas ao domínio espanhol, há ainda o caso do embaixador de Filipe II, D. Garcia Figueiroa, que se refere aos problemas que teve por não ser bem aceite pelo governador de Goa, nem pelos colonos por ser espanhol e eles lhe fazerem, portanto, uma resistência passiva. Estas referências tornaram os *Comentários* num documento de grande interesse histórico-cultural — tanto mais que o fracasso da embaixada de Figueiroa viria a ter como consequência a independência de Portugal e o futuro domínio inglês na Índia.

Subsistem muitas dúvidas perante este drama e os seus múltiplos actores. Se as personagens se podem considerar representativas de toda a complexidade da sua época, também o problema em si — o desvio da rota da seda — é representativo da toda a importância que as questões económicas tinham então, tal como nos nossos dias, no equilíbrio das forças mundiais.

Pode pois concluir-se que, para além da simples tomada de uma fortaleza, provocada pela intervenção de uns aventureiros sem escrúpulos e que actuavam, pelo menos em parte, por interesse próprio, há todo um jogo de forças políticas, e que os intervenientes directos são, afinal, apenas uns peões nesse jogo.

Este deve ser, decerto, um dos elementos que justificam o grande interesse que, desde sempre os homens têm sentido pela literatura de viagens, como foi referido no início deste artigo, pois, para além de satisfazer uma eventual necessidade de evasão nos leitores, ela pode também proporcionar-lhes o conhecimento de toda a problemática de uma época na complexidade socio-cultural, política e económica que sempre caracteriza os factos humanos.

BIBLIOGRAFIA

I — Obras escritas por Sir Anthony Sherley

- A True Relation of the Voyage undertaken by Sir Anthony Sherley Knight in Anno 1596. Intended for the Ile of San Tomé, but performed to S. Iago, Dominica, Margarita, along the coast of Tierra firma, to the Ile of Jamaica, the bay of the Honduras, thirty leagues up Rio Dolce and Homewar de by Newfoundland. With the memorable exploytes atchieved in all this voyage.
- His Relation of this Travels into Persia, the Dangers and Distresses which befell him in his Passage, both by Sea and Land, and his strange and unexpected Deliverances, his magnificent Entertainement in Persia, his Honorable Employment thence as Embassadour to the Princes of Christendome, the Cause of his Disapointment therein, with his Advice to his brother, Sir Robert Sherley. Also a true relation of the great magnificence, Valour, Prudence, Justice, Temperance and other manifold Vertues of Abas, now King of Persia, with his great conquests, where by he hath enlarged his Dominions. Penned by Sir Anthony Sherley, and recommended to his brother, Sir Robert Sherley, being now in Prosecution of the like Honorable imployment. London, 1613. Ashmole Ms. 829, f. 118 (Bodleian Library). Traduzido para holandês por P. Van Der Aa. 1706.
- Peshso Polytico de todo el Mundo por el Conde Don Anttonio Xerley. Al Exm.<sup>a</sup> Señor Conde Duque de Olivares del Conssejo de Su Mag<sup>d</sup> su Sumiller de Corps y su Cavallerizo Mayor, Granada, 2 Nov. 1622. Egerton Ms. 1824, f. 144, vol. I, p. 890.
- Cartas em Foreign and Domestic Correspondence of State Paper Office (a Lord Essex, Burleigh, Anthony Bacon, Lord Cecil, Lord Salisbury). State Papers, 89/3 1598-1605: Fol. 101-04 12 Agosto 1608, Fol. 139, 9 Junho 1610.

II — Obras escritas por Sir Anthony Sherley

- Anon. A True report of Sir Anthony Shierlie's Journey overland to Venice, frō thence by Sea to Antioch, Aleppo, and Babilon, and soe to Casbine in Persia: his entertainement there by the great Sophie: his Oration: his letters of Credence to the Christian Princes: and the Priviledg obtained of the Great Sophie for the quiet passage and trafique of all Christian Marchants throughout his whole Dominions. (Reported by two gentlemen who have followed him in the same the whole time of his



travaile, and are lately sent by him with Letters into Englande).  
Sept, 1600.

- Entrée Solemnelle faicte à Rome aux ambassadeurs du Roy de Pershe, le 5 avril 1601. Paris. 1601.
- Ross, Sir E. Denison, Sir Anthony Sherley: His Persian Adventure, London, 1933.
- Manwaring, George, A true Discourse of Sir Anthony Sherley's trava into Persia, what accidents did happen in the vay, both going thither and returning back, with the business he was employed in from the Sophi: written by George Manwaring, Gent., who attended on Sir Anthony all the journey, s.d., s.l.
- Parry, William, A new and Large Discouse of the Travels of Sir Anthony Sherley, Knight, by Sea and over Land to the Persian Empire. Where in are related many straunge and wonderfule accidents: and also the Description and conditions of those countries and People he passed by: with his returne into Christendome. Written by William Parry, gentleman, who accompanied Sir Anthony in his Travells. London, 1601.
- Pinçon, Abem, Relation d'un voyage de Perse faict és Années 1598 et 1599 par un gentilhomme de la suite du Seigneur Scierley, Ambassadeur du Roy d'Angleterre. Paris, 1651.
- Babinger, Franz. Sherleiana. Berlin, 1932.

### III — Obras escritas por Robert Sherley

- Master Robert Sherley: his oration to his Soldiers. s. d.
- Carta a Anthony Sherley de 22.5.1605 de Tabriz.
- Carta a A. Sherley de 10.9.1606 de Kazvin.

### IV — Obras escritas sobre Robert Sherley e *Lady* Teresia Sharley

- Panfleto Italiano*. Bolonha, 1609. (Editado em *Purchas*, vol. III, 1806, s.a.)
- Middleton, Thomas, Sir Robert Sherley sent ambassadour to Sigismond the third, dedicated to Robert's brother Thomas, 1609. Repetido em *Harleian Miscellany*.
- Nicius Erythraeus, *Pinacotheca Tertia*. Teresa Comitissa ex Persia. 1712.
- Finnet, Sir John, *Finnetti Philoxenis*, 1656, s.l.

### V — Obras escritas sobre os irmãos Sherley

- Nixon, Anthony, *The Three English Brothers*, Sir Thomas Sherley his Travels, with his three yeares imprisonment in Turkie, his Inlargement by his Maiesties Letters to the Great Turke;

and lastly, his safe returne into England this present yeare; Sir Anthony Sherley his Embassage to the Christian Princes. Master Robert Sherley his wars against the Turkes, with his marriage to the Emperour of Persia his niece. B.L.J. Hodgets. London, 1607.

- The Trav ailes of the Three English Brothers (A Play) — Sir Thomas, Sir Anthony, and mr Robert Sherley, written by a Trinity of Poets, John Day, William Rowley, and George Wilkins. London, 1607.
- Anon. The Three Brothers; or the travels and adventures of Sir Anthony, Sir Robert, and Sir Thomas Sherley, in Persia, Russia, Turkey, Spain, etc., with Portraits. London, 1825.
- Shirley, Evelyn P., Stemmata Shirleiana; or the Annals of the Shirley Family, Lords of Nether Etindon, in the county of Warwick, and of Shirley in the county of Derby. London, 1841.
- Shirley, Evelyn P., The Sherley Brothers, and Historical Memoir of the Lives of Sir Thomas Sherley, Sir Anthony Sherley, and Sir Robert Sherley Knights. By one of the Same House. Chiswick, 1848.
- Penrose, Boies, The Sherleian Odyssey being a record of the travels and adventures of three famous brothers during the reigns of Elizabeth, James I and Charles I. The Wessex Press, 1938. (Mencionada em Registers of the Stationers Company).
- Wentworth Smith — peça teatral perdida. (Mencionada em Registers of the Stationers Company).

#### VI — Obras com referências aos Sherley

- Boxer, Charles. Anglo-Portuguese Rivalry in the Persian Gulf — 1615-1635 (Chapters in Anglo-Portuguese Relations), ed. Edgar Prestage, Watford, 1935).
- Caillé, Jacques. La petite Histoire du Maroc — des origines à Moulay Ismail, Paris, 1950.
- Cartwright, John. The Preachers Travels. Wherein is set downe a true Journall, to the confines of the East Indies, through the great countryes of Syria, Mesopotamia, Armenia, Media, Hircania, and Parthia. Also a true relation of Sir Anthonie Sherleys entertainment there: and the state that his brother, M. Christendome. London (61).
- Castries, Henri de. Sources inédites de l'histoire du Maroc, Paris, 1906.
- Churchill, John. The Embassy of Sir Thomas Roe to the court of the great mogul — 1615-1619, Ed. Collection of voyages and travels, 1704, 1. J.



- Lebel, Roland. *Le Maroc chez les auteurs anglais du 16<sup>e</sup> au 19<sup>e</sup> siècle*, 1939, Paris.
- Meaking, Budgett. *The Moorish*. London, 1899.
- Donno, Elizabeth S.. *An Elizabethan in 1582 — the Diary of Richard Madox, Fellow of All Souls*, Ed. Hakluyt Society, London, 1953.
- Marrison, G.B.. *A Second Elizabethan Journal, being a record of those things most talked of during the years 1595-B*, London, 1931.
- Meneses, Don Gonçalo de Gespedes y. *Historia de D. Felipe el III-Rey de las Españas*. Lisboa, 1631.
- Porter, Anna Maria. *Don Sebastian or the House of Braganza, an historical romance*. London, 1809.
- Surtees, F. Scott. *William Shakespeare of Stratford-on-Avon: His Epitaph unearthed and the author of the plays run to ground, printed circulation*, Hestford, 1888, entered at Stationers' Hall. *Who Wrote Shakespeare's plays? A guess at the truth by Reverend S. Surtees of Dinsdale-on-Tees*.
- Sykes, Sir Percy. *History of Exploration*. London, 1935.
- *Travels of Della Valle in India*, Hakluyt Society. Ed. London, 1892.
- Valle, P. Della. *Delle Conditioni di Abbas, re di Persia, Veneza*, 1628.
- Wadsworths, James. *Ex-Jesuit, The English Spanish Pilgrime, or, a new Discoverie of Spanish Popery, and Jesuiticall Strata-gems, with the estate of the English Pentioners and Fugitives under the King of Spaines Dominions*, 1630, s.l.

VII — Obras portuguesas com referências aos irmãos Sherley

- Autor desconhecido. *Comentários do Grande Capitão Fui Freire de Andrade*. 1647, s.l.
- Azevedo, Luís Marinho de. *Apologéticos discursos offerecidos a Magestada del rei don Joam Nosso Senhor IV do nome entre os de Portugal em defesa da fama e da boa memória de Fernão d'Albuquerque do seu conselho e governador que foi da India. Contra o que delle ofereceu D. Gonçalo de Cespedes na chónica del rei D. Phelipe IV de Castela*. Lisboa, 1641.
- Borraco, António. *Década 13 da História da Índia composta por António Borraco cronista daquele estado publicada de Ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa, 1876.
- *Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções* — publicados de Ordem da classe de ciências Moraes, Políticas e Bellas-Letras da Academia Real das Ciências de Lisboa, R.A. Bulhão Pato, Lisboa 1880. (Documento 3, 26 de Fevereiro 1611; Do-

cumento 110, 13 de Fevereiro 1610; Documento 218, 23 de Dezembro 1611; Documento 231, 10 Fevereiro de 1611; Documento 300, 4 de Janeiro 1613; Documento 312, 1 de Fevereiro 1613; Documento 378, 28 Março 1613).

— Sousa, Manuel de Faria y. *Ásia Portuguesa*. Lisboa, 1675.

#### VIII — Obras de Frei António Gouveia

— *Relaçam da Pérsia e do oriente*. Lisboa, 1609.

— *Relaçam em que se tratam as guerras e grandes victorias que alcançou o grãde Rey da Persia Xá Abbas do Grão Turco Mahometto & seu filho Amethe as quais resultarão das embai-xadas, q̃ por mandato da hatholica & Real Magestade del Rey D. Felipe segundo de Portugal fizeram alguns religiosos da ordem dos Ermitas de S. Augustinho a Persia*. Lisboa, Anno de MDCX.

— *Triunfo Glorioso de tres martires españoles*. Madrid, 1623.

— *Vida de S. João de Deus*. Lisboa, 1624.

#### IX — Obras sobre Rui Freire de Andrade

— Autor desconhecido. *Comentários do Grande Capitão Ruy Freire de Andrada*, s.l., 1647.

— Carta Régia 30 de Dezembro de 1618 (Torre do Tombo, cx. n.º 6).

— Carta Régia 10 de Março de 1619 (Torre do Tombo, cx. n.º 6).

— Cordeiro, Luciano. *Como se perdeu Ormuz — processo inédito do século XVII*. Lisboa, 1896.

— Cordeiro, Luciano. *Dois capitães da Índia (documentários inéditos entre os quais diversas certidões autographadas de Diogo Couto)*. Lisboa, 1898.